



*Indecisão no setor calçadista de Birigui*

## Birigui ainda não sabe se haverá demissão nas fábricas

O setor calçadista de Birigui ainda não sabe se haverá demissões em função da recessão prevista para este ano. O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário disse que somente após o período de férias coletivas e o início da produção dos primeiros pedidos deste ano, "que sabemos se haverá demissões". Marco Antônio de Oliveira disse que as 170 indústrias de calçados fecharam o ano passado com redução de 15% da produção em relação a períodos anteriores.

No entanto Marco Antônio Oliveira, disse que "não estou tão pessimista em relação a 1991". Ele admite que a crise vai diminuir a produção. "Mas acredito que a criatividade poderá diminuir o impacto". Ele disse que "se as indústrias fabricarem um calçado de acordo com as necessidades dos consumidores, a produção Marco Antônio Oliveira disse que o setor de produção da Calçados Catina funcionou até o dia 21 de dezembro. "Quando percebermos que o nosso produto

estavam encalhados nas lojas porque o poder aquisitivo do consumidor era inferior ao seu custo, fizemos uma reciclagem e conseguimos fabricar o mesmo par de sapato que tinha um preço final de Cr\$ 6 mil, por Cr\$ 2,5 mil.

O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário, disse que os empresários de uma forma geral, terão que reduzir todos os custos, inclusive a margem de lucro. "No atual momento econômico, se manter de pé, significará uma grande vitória".

Folha da Região

REGIONAL

# Couromoda pode "salvar" indústrias

Birigui

Os dez mil trabalhadores do setor calçadista começaram a voltar ao trabalho. Após trinta dias de férias coletivas, o setor de corte de algumas fábricas voltou a funcionar na segunda-feira. No dia 21 terminará o período de férias dos operários dos setores de pesponto e montagem. No entanto, o fim das férias coletivas ainda não significa que o setor

calçadista não fará dispensas. O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário, Marco Antônio Oliveira, disse ontem que a manutenção dos empregos gerados pelas indústrias de calçados está condicionada aos resultados da Couromoda. "Se as indústrias que estão expondo seus produtos nessa feira receberem bastantes encomendas, certamente os setores de produção necessitarão da mão-de-

obra que já está empregada", afirmou Oliveira.

O setor calçadista de Birigui fechou 1990 com produção 15% inferior ao ano anterior. O enxugamento do mercado consumidor originou o cancelamento de vários pedidos, inclusive as encomendas de final de ano. No entanto, algumas indústrias conseguiram retardar o período de férias coletivas. A Katina, por exemplo, responsável por 100%

dos calçados finos fabricados em Birigui, reverteu os custos e produziu os mesmos modelos para os segmentos populares. Na semana passada, o presidente do Sindicato das Indústrias disse que essa experiência deverá ser um exemplo a ser seguido neste momento de crise de consumo. As indústrias terão que fabricar um calçado que se enquadre no poder aquisitivo do momento, explicou Marco Antônio Oliveira.

Folha da Região

REGIONAL

## Popi cria alternativa para crise

Birigui

Apesar da crise financeira no país, a fábrica de calçados Popi espera fechar o ano de 1991 com US\$ 55 milhões, 20% a mais do faturamento registrado no ano passado. A previsão foi feita pelo vice-presidente do grupo, João Fiorotto Júnior, que descartou a possibilidade de haver emissões em seu parque fabril. Fiorotto Júnior anunciou o lançamento do tênis Aerojump

como o responsável por um faturamento adicional de US\$ 25 milhões. Com produção diária estimada em 30 mil pares, o novo modelo garantirá os 1.500 empregos gerados pelas cinco unidades que a Popi mantém em Birigui.

Fiorotto Júnior apontou a manutenção de fontes de reservas para situações de emergência ou momentos de crise, como os vividos pelo Brasil nesta fase de transição do Plano Collor, como

o principal instrumento que a Popi tem utilizado nos últimos 30 anos para manter seus setores de produção e a marca no mercado. Ele afirmou que "as indústrias devem possuir seus próprios meios de investimentos, sem depender diretamente dos financiamentos bancários". Com uma produção mensal de 600 mil pares/mês, a Popi acredita que o nível de vendas só pode ser mantido com a adequação da produção ao mercado. "Se um segmento entra em baixa,

um outro compensa a defasagem", disse Fiorotto, ao justificar o investimento de US\$ 2 milhões para a composição de um produto lançado no pico de uma crise financeira nacional. Para ele, a abertura de mercado significa investimentos em equipamentos e tecnologia. Pelos seus cálculos, em um ano a Popi estará absorvendo 4% do mercado nacional, que consome anualmente 30 milhões de pares de tênis por ano.

# Birigui News

Nalberto Vedovoto

• Após a "estiagem" de pedidos nas indústrias de calçados de Birigui (de outubro de 1990 até fevereiro passado quase não se faturou nada), nota-se uma tímida, porém otimista, retomada nas vendas, com algumas fábricas programando sua carteira de encomendas já para o mês de abril. Para o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui, Marco Antonio Oliveira: "É o reflexo dos juros baixos e a reposição quase que obrigatória dos estoques por parte dos lojistas. O otimismo não deve ser exagerado, mas acredito que o quadro se mantenha em ascendência até meados de junho".

• Se depender do empresário Carlos Alberto Mestriner, diretor comercial de Calçados Klin, o congelamento vai ser respeitado até pelos "grandes". Em entrevista ao Jornal Exclusivo, de Novo Hamburgo, edição de 10 de março, denunciou corajosamente o descumprimento ao plano Colôer II: "Até agora o congelamento de preços não está sendo respeitado, principalmente no setor químico e de couro", afirmou.

• Apesar dos índices pluviométricos dos meses de janeiro (345,8 milímetros) e fevereiro (245,1 milímetros), as chuvas não causaram grandes prejuízos à lavoura na região de Birigui. Segundo Odair Rosseto, delegado da Subregião de Birigui, a única cultura que sentiu foi o algodão que sofreu queda na sua tipificação: "Dois fatores estão causando maiores danos: a falta de crédito e o custo elevado da tecnologia agrícola. Sem dinheiro para plantar e cada vez usando menos adubo,

veneno, etc; ocorre a natural quebra da produtividade".

• Com a quebra de 7% no algodão, 8% no arroz, 5% no amendoim, 13% no milho e 7% na soja, a subregião agrícola de Birigui, composta dos municípios de Birigui, Bilac, Gabriel Monteiro, Piacatu, Santópolis do Aguapeí, Clementina, Coroados, Buritama e Turidiba, apresentou a seguinte estimativa de colheita: 599.183 arrobas de algodão (9.451 hectares), 32.260 sacas (60 quilos) de arroz (1.450 hectares), 199.200 sacas (25 quilos) de amendoim (2.240 hectares), 665.100 sacas (60 quilos) de milho (12.590 hectares) e 77.900 sacas (60 quilos) de soja (numa área plantada de 2.300 hectares).

• Em recente entrevista ao Jornal Folha da Região, o prefeito de Birigui, Pedro Marin Berbel disse que "há certa demagogia" no movimento político pela melhoria de segurança à população. Talvez alguns dados estatísticos o façam mudar de idéia, encarando o problema com a seriedade que o momento exige: No ano de 1990, foram 30 roubos, 508 furtos, 110 veículos furtados e 332 furtos qualificados. Só nos dois primeiros meses deste ano tivemos 8 roubos, 84 furtos, 11 veículos furtados e 57 furtos qualificados. No domingo passado, 10 marginais assaltaram dois biriguienses em menos de 2 horas.

• A secretária de Cultura de Birigui, Maria Elisa de Castilho Manfré, não gostou das críticas estampadas por um articulista no Jornal Diário de Birigui. Ainda afastada do cargo (cumpre licença-gestante), não quis nem saber e usando do direito de resposta deu o troco. Lá pelas tantas escreveu: "quem

conhece o articulista que não assinou o artigo do Diário de Birigui de 6/3/91, quem a olho nu o observa, não consegue, por analogia, associá-lo ao título desta réplica, pois ocorre uma ótica inversa: não o vê macroscopicamente, mas sim a nível microbiano - enxerga a virulenta agitação, própria de disseminação da cólera dos tolos e inconsequentes, cuja ardência febril representa a exteriorização da decomposição mental de onde se frutificam os desmemoriados".

• AMINE NAGIB. As pessoas marcam sua existência pela forma de viver. Dona Emília, como era chamada, nasceu em Damasco, Síria e ao contrair matrimônio com o senhor Nagib Moysés Nakla, veio para o Brasil, aqui residindo por 68 anos, 62 dos quais na cidade de Birigui. Criou com muito amor e carinho seus filhos Miguel, Júlia, Olga, Waddya, Maria e Moysés, virtudes que também embalaram seus 14 netos e 10 bisnetos, genros, noras e inúmeros amigos que sua meiguice e simpatia conquistara durante seus 83 anos de vida. Legou exemplos de trabalho incansável, honestidade, segurança e idéias lúcidas. Paciente, perseverante e resignada, virtudes só encontradas nos espíritos simples e fortes, suportou com muita dignidade as provas e sofrimentos que a vida lhe reservara. Grande número de amigos e parentes a acompanharam na sua derradeira viagem, no dia 11 de março. Um exemplo de vida que não pode ser esquecido e que enriquece aqueles que tiveram a felicidade de com ela conviverem.

## Setor de calçados retoma produção

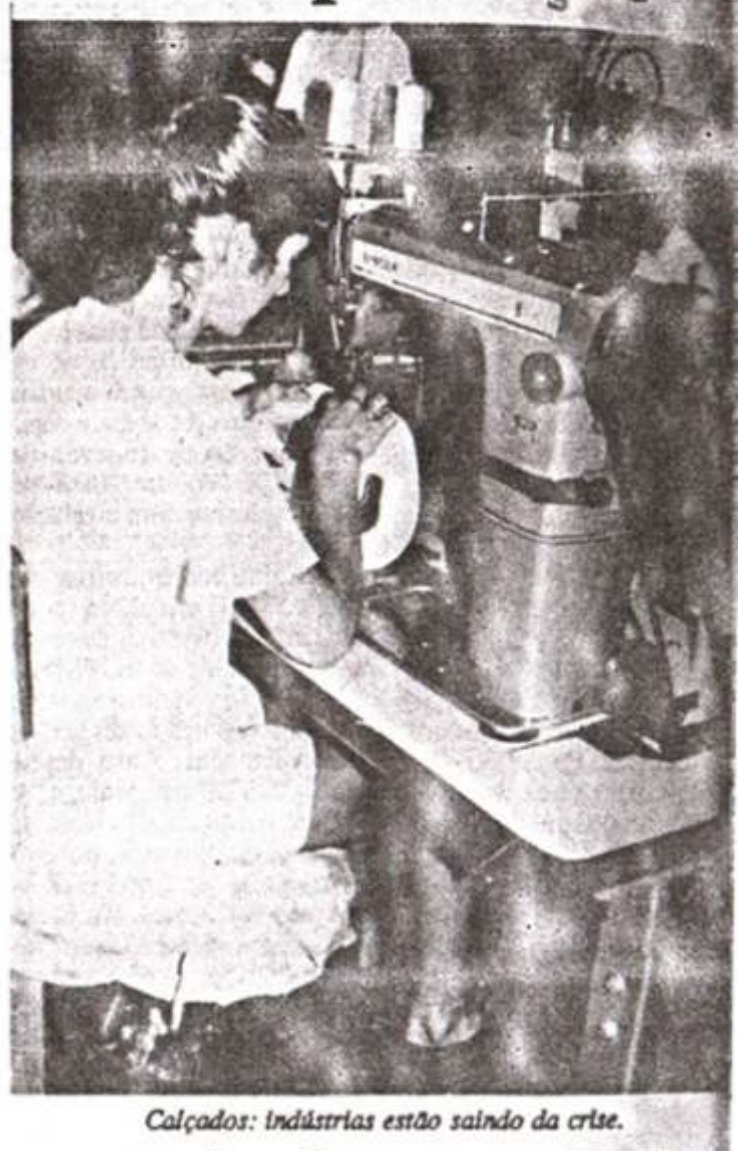
O setor calçadista de Birigui já conseguiu retomar 50% da produção. Mesmo operando com 30% a menos em relação ao mesmo período do ano passado, quando a produção diária era de 120 mil pares/dia, o setor está otimista. O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário considera os 85 mil pares fabricados no mês passado como, "o reinício de uma recuperação, que só deverá ser total em um prazo de seis meses a um ano". Marco Antônio de Oliveira considera importante, nesse processo de recuperação "a manutenção da atual taxa de juros e o fim dos incentivos à ciranda financeira: estabelecidos pelo Plano Collor 2.

As indústrias apontam as altas taxas de juros e os rendimentos oferecidos pelo mercado financeiro como responsável pela mais grave crise enfrentada pelas 140 indústrias de calçados de Birigui. Em pleno pico de vendas, a produção das indústrias caiu 80% no período de outubro a dezembro do ano passado. As taxas dos juros bancários e a inflação fizeram esgotar as chamadas "gorduras" e muitas fábricas anteciparam as férias coletivas. Algumas empresas paralisaram as atividades e 40% dos 12 mil operários foram demitidos.

O Plano Collor 2 é apontado como responsável por uma branda

recuperação registrada no final de fevereiro. Com a desindexação da economia, o tabelamento das taxas de juros, e o fim da ciranda financeira, "o dinheiro voltou a circular e os lojistas já estão investindo nos estoques", afirma Marco Antônio Oliveira. No entanto, ele analisa que "o comportamento está bem diferente de outros períodos pós-planos. Não há mais aquela corrida desvairada ao consumo. As pessoas estão consumindo sim, mas com moderação", Oliveira afirma que "os industriais estão começando a respirar novamente". Pelo menos 20% dos operários demitidos estão sendo absorvidos novamente pelas indústrias, que agora esbarram no Seguro Desemprego para conseguir empregados suficientes para manter a retomada da produção.

O único segmento que continua inalterado é o de exportações. A defasagem cambial ocorrida no pós-Plano Collor 1, ainda mantém praticamente zerado o índice das exportações. Além disso, segundo o presidente do sindicato de classe, "Birigui nunca conseguiu firmar-se no mercado internacional, por falta de tradição". Os principais compradores dos calçados fabricados na cidade são os Estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro.



Calçados: indústrias estão saindo da crise.

## Um nome é sempre associado às renovações empresariais

**Birigui** - Em Birigui a renovação empresarial é sempre associada ao nome de Tony Assumpção e suas irmãs. Filhos do ex-aprendiz do sapateiro Avack Bedoian, eles trazem consigo o estigma de uma dos responsáveis pela fabricação do calçado em série. Antônio Assumpção é o monstro sagrado de Birigui. Junto a João Fiorotto, produziu os primeiros calçados para crianças que elevaram a cidade a condição de capital do calçado infantil. Assumpção fez a mesma coisa que Fiorotto: dividiu com os filhos o know how. Fiorotto Júnior mora atualmente em um avião que voa de Birigui a São Paulo, com "escala" em Miami, onde a POPI mantém um escritório de representação.

Mas eles não são os únicos, e a histórica renovação empresarial de Birigui não se constitui apenas dos finais felizes das empresas que passam de pai para filho. Carlos Alberto de Castilho, Miguel Buzahr Neto e Toni Andrei Sanches Sales administram hoje um capital avaliado em Cr\$ 20 milhões. Mas o caminho até se atingir esse estágio foi longo, e com "direito" inclusive a apresentação dos cadastros dos pais e avós na hora de pleitear um funcionamento bancário.

Nenhum deles quiz exercer a profissão para qual estudaram. Um é dentista, outro veterinário e o terceiro é administrador. Amigos desde infância, não demoraram a concluir que "o trabalho liberal é difícil e pouco rentoso". Com a soma obtida pela junção das magras cadernetas de poupança, compraram uma indústria falida. O patrimônio se resumia há algumas dezenas de sandálias ortopédicas pré montadas. "Contratamos um sapateiro para terminarmos de montar os pares", relembra Carlos Alberto. Eles não demoram muito para adquirir a experiência suficiente para produzir 30 pares por dia. Hoje são 800 pares de tênis, chuteiras e sandálias injetados em várias cidades brasileiras.

A ex-indústria de fundo de quintal, é hoje a Bellopé Indústria e Comércio de Calçados Infantis. O salto é atribuído a contratação de um consultor do Serviço de Apoio às



**Jamil Mustafa: "trabalho e crença no país".**

Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) que orienta no gerenciamento do negócio. "Através dela temos o controle de fluxo de caixa todos os dias", afirma Castilho que admite que "antes cometíamos erros, como o de dar mais prazo para as vendas e concordar em pagar num prazo menor".

Jamil Abrahim Mustafa, 33 anos não precisa de uma empresa de consultoria. O sogro, Guerino Pintão, funciona como uma espécie de consultor com plantão permanente. "É com ele que eu esclareço todas as dúvidas. Ele me passa toda experiência acumulada em 30 anos de vida empresarial".

Mustafa não esconde que dirige um capital de Cr\$ 50 milhões. Até 3 meses atrás esse capital incluía apenas uma loja de tecidos e confecções, com sete funcionários. Em pleno pico da recessão, Mustafa decidiu criar uma indústria que funciona na sobreloja. Com uma produção estimada em 7 mil peças/mês, o empresário que gosta de ouvir Fagner mas que dispensa qualquer esporte para curtir a esposa Silvia Helena e os dois filhos, atribui o sucesso que as camisas WANIL fazem, ao feeling de ter produzido um produto sob medida ao momento financeiro atual. "Nossas camisas obedecem um padrão mais econômico, mas nem por isso são descartáveis", afirma, examinando o acabamento das peças e resistência dos tecidos. Tímido quando perguntado sobre o sucesso obtido, Mustafa dá como receita disso: "muito trabalho, seriedade, e crença no país".

# Setor calçadista registra queda de 20%

**Porto Alegre - O setor calçadista brasileiro fechou o ano registrando uma queda de 20% na produção para o mercado doméstico e uma receita em torno de US\$ 1,25 bilhão com as exportações, um pouco abaixo das expectativas, um pouco abaixo dos US\$ 1,3 bilhão projetados inicialmente. Mesmo assim, o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Horst Volk, considera que houve ganhos com as vendas externas porque o Brasil conseguiu avançar para uma nova faixa de calçados de mais categoria e com melhores preços:**

**"nossa indústria alcançou maior padrão de qualificação. Não fizemos competição com os fornecedores de sapatos baratos".**

Em 90, o Brasil produziu perto de 508 milhões de pares de calçados (de todos os tipos, incluindo sandálias).

A redução de 20% ocorrida em 91 é atribuída à recessão que levou ao empobrecimento da população, aliada às oscilações econômicas que provocaram elevação de taxas de juros e de custos, causando o estrangulamento financeiro de muitas empresas.

Em relação ao desempenho das exportações, o vice-presidente de Mercado Externo da Abicalçados, Ernani Reuter, considera que a recessão internacional foi um dos fatores que comprometeu o resultado, impedindo que atingisse o que foi inicialmente previsto. Até novembro, as vendas externas de calçados somaram US\$ 1,18 bilhão, um crescimento de 8,5% em comparação com os 11 meses de 90.

O consultor internacional da Abicalçados, Anthony Motley, avalia que embora a retração de

consumo ainda permaneça nos Estados Unidos, há um tendência para 92 do aumento da demanda de artigos baratos e de preços médios. Isto pode dar oportunidades de negócios aos exportadores que atuam nessa faixa - preço FOB entre US\$ 10 a US\$ 14 o par.

Com a queda de produção, o nível de emprego do setor também baixou. Pelo levantamento da Abicalçados, em dez meses houve uma redução de 4,8% na mão-de-obra ocupada nos principais pólos de produção do País.